

BOAS-VINDAS AOS ÍNDIOS

Marina Silva

A Marcha Indígena 2000, composta de mais de mil lideranças da Amazônia, do Sul e do Centro-Oeste, está chegando a Brasília. É com o coração aberto, mas com o olhar triste de quem não tem nada de concreto a oferecer, que lhes damos as boas-vindas. É um pouco como dizia Ivan Lins na canção dedicada "aos nossos filhos": perdoa a cara amarrada, perdoa a falta de espaço, a falta de jeito, os dias eram assim. Aos "nossos índios" cabe o mesmo abraço envergonhado, pelo pouco ou nada que o país, representado por suas instituições, tem a oferecer.

Os dias são assim: o Estatuto das Sociedades Indígenas está desde 1991 no Congresso à espera de votação. Oligarquias poderosas emperram uma decisão favorável aos índios porque têm interesse em suas terras. Mas alardeiam há décadas o argumento cínico de que não se pode "dar muita terra para pouco índio" porque há populações pobres que também precisam sobreviver. Como se o problema dos agricultores pobres e da reforma agrária dependesse das terras dos índios para uma solução. Como se não se soubesse que há ainda latifúndios na Amazônia maiores do que reservas indígenas. E, especialmente, como se não estivesse claríssimo que aqueles que sistematicamente atacam os direitos indígenas não são defensores dos pobres deste país, mas de setores econômicos que visam apenas à própria e inesgotável sede de vantagens e lucros.

Os índios chegam. Boas-vin-



das, mas sabemos que há projetos no Congresso Nacional atacando por todos os lados, num cerco que chega até a retirar da Funai e atribuir unicamente ao Congresso a tarefa de demarcar terras indígenas, com o óbvio objetivo de jogar futuras demarcações para as calendas. Se a Funai é fraca e em grande medida responsável e conivente com a tragédia dos índios, também é um reduto de abnegados técnicos e cientistas sinceramente comprometidos com a causa indígena. Sua fragilidade é, antes, um bom indicador da ambiguidade e do descompromisso com que o governo brasileiro, como um todo, trata os índios.

Os índios chegam. Pelos menos é bom que saibam que, se as instituições assistem passivas ao seu clamor ou jogam abertamente no time contrário, o povo brasileiro estende as mãos com sinceridade. É o que mostra pesquisa feita pelo Ibope para o Instituto Socioambiental. Os

brasileiros têm uma imagem positiva dos índios: 88% acham que eles conservam a natureza e vivem em harmonia com ela, 81% acham que eles não são preguiçosos e apenas encaram o trabalho de maneira diferente, 89% afirmam que não são ignorantes e apenas possuem uma cultura diferente, 89% acham que eles só são violentos com quem invade suas terras.

Poder-se-ia dizer que essas opiniões apenas revelam uma fantasia do "bom-selvagem" por parte de quem vive nas cidades, mas outra pergunta mostra que a maioria sabe exatamente do que está falando, pois identifica como o principal problema enfrentado pelos índios brasileiros atualmente a invasão de suas terras pelos brancos. E, diante da escolha sobre a quantidade de terras que devam ficar com os índios, 68% opinam que o que os índios detêm hoje é a quantidade certa ou que é pouca terra, contra 22% que consi-

deram ser muita terra. Além disso, a implantação de programa de saúde e educação e a demarcação de terras são as medidas mais recomendadas para que os índios brasileiros continuem a viver como índios.

Quinhentos anos depois que os colonizadores trouxeram e impuseram suas instituições, a vinda dos índios a Brasília, ao contrário do que se poderia esperar, não tem o trazo do ódio ou da submissão de um derrotado de guerra, embora seja assim que, muitas vezes, são tratados. Como estorvo, como problema para os interesses nacionais. A Marcha é, ao mesmo tempo, uma afirmação de auto-estima e uma busca de parceria, de uma relação de respeito entre concepções diferentes dentro de uma mesma sociedade nacional. Os índios fazem parte da sociedade nacional, mas também são uma sociedade distinta, no sentido da organização peculiar de seus espaços e de sua autonomia de vida.

É simbólico que a primeira grande visualização da participação dos grupos indígenas nos eventos relacionados aos 500 anos da chegada dos portugueses aconteça em Brasília, onde os herdeiros da colonização exercem seus poderes. O que os índios estão dizendo é que é possível ser parceiros, que é possível uma convivência para além do aniquilamento e da exclusão. Boas-vindas. Os dias são assim, mas podem mudar.

■ Marina Silva, historiadora, é senadora pelo PT do Acre